Amanda Meireles Ferreira
Matheus Henrique da Costa Gomes

O JULGAMENTO QUE CAUSA GENOCÍDIO

O extermínio irreparável causado pela sociedade em Barbacena

Trabalho apresentado como requisito parcial de avaliação para aprovação na Unidade Curricular Linguagens e Relações Estéticas, do curso de Jornalismo do Centro Universitário UNA.

Professoras: Carla Maia e Silvia Michelle

BELO HORIZONTE

2021-2

O Julgamento Que Causa Genocídio: O extermínio irreparável causado pela sociedade em Barbacena

Amanda Meireles Ferreira

Matheus Henrique da Costa Gomes

Resumo

O artigo propõe retratar a história do Hospital Psiquiátrico de Barbacena, a partir de relatos de pacientes que foram torturados, violentados e até mortos entre os anos de 1960 e 1970. Uma análise objetiva de como a sociedade pode ser omissa em esconder um passado tão bárbaro e cheio de marcas que ainda causam um sentimento doloroso a todos envolvidos nessa história. Uma situação que teve início simplesmente pelo fato de julgamentos a outras pessoas, por acreditarem que um determinado motivo fazia com que um certo indivíduo não se encaixasse na sociedade daquela época. Além de mostrar através dos relatos como o padrão social era e ainda é um fator determinante em como o indivíduo será alocado nos grupos sociais. Ainda é um estigma as doenças psíquicas, e o preconceito está explícito na história do país. Vemos como um doente mental foi tratado no passado e hoje vemos o quanto os paradigmas predominam nos núcleos familiares. O Hospital-Colônia foi um meio cruel onde tratamentos sub-humanos e torturas eram aplicados e marcam não só a cidade de Barbacena, mas como toda a população brasileira. Enquanto houver registrado os métodos existentes ali, ainda haverá uma história e uma ferida social a ser compartilhada e nunca esquecida. Todos esses fatos precisam ser lembrados e estudados como a comunicação pode ser melhor explorada e principalmente adaptada a todo ser humano independente de sua dificuldade de linguagem.

Palavras-chaves: Estética; Tortura; Sociedade.

Introdução

O Hospital Colônia de Barbacena, fundado em 12 de outubro de 1903, em pouco tempo de inauguração se tornou uma referência nacional em psiquiatria, sendo procurado por diversas famílias que julgavam ser necessário o tratamento para um determinado familiar que apresentava qualquer tipo de comportamento doentio. Porém, acabou se tornando uma das maiores catástrofes e desrespeito humano com o povo brasileiro. As pessoas que naquela época foram consideradas fora do padrão estético social, eram simplesmente largadas dentro de um hospital psiquiátrico, eles eram separados por sexo e também de acordo com a idade de cada um. Atualmente foi comprovado que 70% dos pacientes não tinham nenhuma doença psíquica, e ainda sim eram tratados como escórias da sociedade. O complexo hospitalar contava com 7 pavilhões e até um cemitério em que os pacientes eram enterrados sem qualquer tipo de cerimônia, sendo carregados por um tipo de carroça e que até geravam curiosidade de crianças e adolescentes que moravam na região.

Fundamentação Teórica

Alguns tratamentos na colônia eram bastante rotineiros, um deles se baseava nas torturas físicas e psicológicas. Entre os mais comuns havia ducha escocesa (banho propiciado por máquinas de alta pressão) e tratamentos de choque, ambos aplicados aos pacientes que não se comportassem de forma adequada. O hospital que a princípio havia sido projetado para receber cerca de 200 pessoas, chegou a ultrapassar 4 mil, para conseguir suportar esse número tão expressivo, foram trocadas camas por capim com o intuito de gerar mais espaço. A cozinha gastava cerca de 120 quilos de arroz e 60 quilos de feijão para todos que estavam internados. Em um determinado momento, como se já não bastassem todas as atrocidades citadas acima, houve falta de água e alimentos. Muitos pacientes se banhavam no esgoto a céu aberto, com uma sucessão de maus-tratos, muitos não resistiram. O ato dessa crueldade resultou em uma catástrofe absurda, estima-se que 60 mil vidas foram perdidas até o fim dos anos 80. Os indivíduos que não resistiam eram enterrados no cemitério localizado atrás do hospital, e outros corpos eram encontrados pelas enfermeiras depois de vários dias, alguns eram vendidos ilegalmente para faculdades de medicina e ainda registrados em livros-caixa que continham informações sobre os valores.

A grande maioria das pessoas que ali estavam não possuíam condições financeiras para pagar pela internação, alguns pacientes chegaram a ser rebatizados pelos próprios funcionários, visto que não tinham nenhum tipo de documentação. Os diagnósticos médicos eram realizados sem nenhum tipo de critério, pessoas que apenas apresentavam sinais de tristezas, por exemplo, foram encontradas no registro do Colônia. Havia uma ala infantil, e se engana completamente quem pensa que os tratamentos eram diferentes, aprisionamento, camisa de força, também estiveram presentes como forma de tortura para essas crianças. Além disso, cerca de 30 crianças nasceram dentro do hospital foram doadas logo após o nascimento, sem o consentimento de suas mães biológicas e algumas foram adotadas pelas próprias enfermeiras que compadeciam da situação.



Imagem e texto retirado do livro "Holocausto Brasileiro", autora Daniela Arbex, pág. 29.

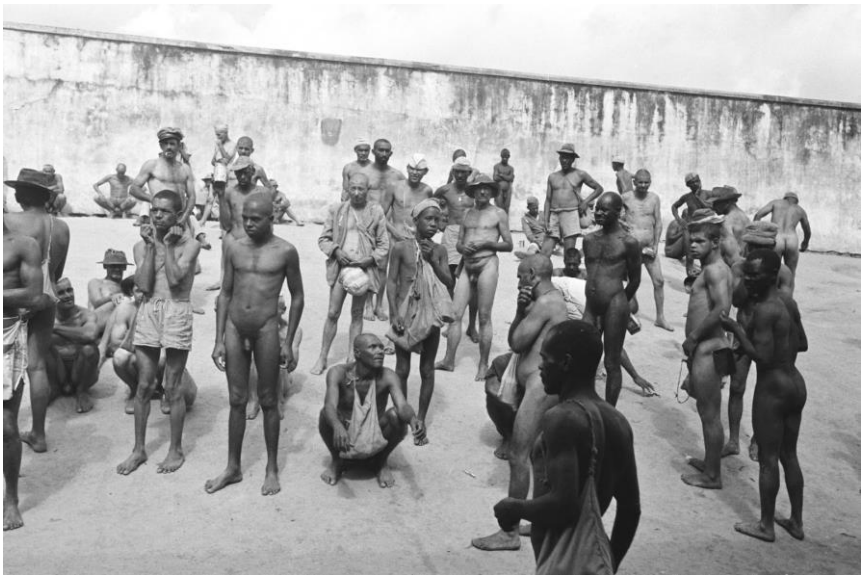
Antônio Gomes da Silva, um dos sobreviventes do hospital relata:

> "Não sei por que me prenderam. Cada um fala uma coisa. Mas, depois que perdi meu emprego, tudo se descontrolou. Da cadeia, me mandaram para o hospital, onde eu ficava pelado, embora houvesse muita roupa na lavanderia. Vinha tudo num caminhão, mas acho que eles queriam economizar. No começo, incomodava ficar nu, mas com o tempo a gente se acostumava. Se existe inferno, o Colônia era esse lugar."



Retirado do livro “Holocausto Brasileiro”, autora Daniela Arbex, pág. 25.

Estação Bias Fortes, por onde chegavam os “trens de doidos”, termo criado pelo escritor Guimarães Rosa para se referir ao caminho para morte no Colônia.



Internos do manicômio Colônia em uma fotografia de 1959 https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-05/barbacena-a-cidade-manicomio-que-sobreviveu-a-morte-atroz-de-60000-brasileiros.html

Análise

Ao analisar a teoria da estética, pode-se observar que naquela época a sociedade rejeitava aqueles que não se inseriram no seu padrão estabelecido. Como muitos não eram considerados “normais” os classificavam como aptos para o Colônia, pessoas com deficiência, negros, alcoólatras, militantes políticos, órfãos, menores de idade que estavam grávidas, andarilhos etc... A estética e a beleza eram fundamentais para a população durante aquele período. O padrão cultural e social daquela época ignorava a sensibilidade e exaltava o poder que tinham sobre aqueles que fugiam do comportamento habitual. O conceito de beleza se predominava no período em que o hospital se encontrava em funcionamento, pois era fácil mandar pessoas para que lá ficassem reclusas sem causar incômodos. Atualmente nos aterrorizamos com imagens dos pacientes do Colônia, mas para eles era algo considerado normal. Violência empregada a quem não podia se defender, medidas drásticas para conter os pacientes que em sua maioria não apresentava nenhum tipo de perigo.

A linguagem era outro fator que determinava a rejeição social. Muitos pacientes não conseguiam se comunicar e entender o que era proposto a eles, e isso levava a medidas de contenção. Como explicado por Santaella “Não há comunicação sem signos e linguagens, o que a passagem dos séculos evidencia é a infinita capacidade humana de se produzir linguagens.” (SANTAELLA, Estética & Semiótica, pág. 39). A falta de compreensão na comunicação elaborava diagnósticos de doenças psíquicas, e o isolamento desses pacientes. Muitos eram mantidos em pavilhões separados e mal recebiam tratamento e alimentação.

A estética como ciência da percepção sensível mostra como analisamos os períodos em que o hospital Colônia estava em funcionamento. Hoje, o atual Museu da Loucura, que faz parte do complexo hospitalar, traz diversos utensílios que eram utilizados para contenção dos pacientes. Olhar para cada instrumento gera em nós diversos sentimentos que podem nos explicar mais a fundo o conceito da estética. A tristeza, revolta, compaixão, são sentimentos que remetem ao desespero, se colocar no lugar desses pacientes e ver como poderia ser qualquer um ali. Com o documentário Holocausto Brasileiro, é relatado por enfermeiras e outras testemunhas o tratamento em que os pacientes eram submetidos. É nítido como o mesmo sentimento é relatado, e como pacientes eram "deixados para morrer", pelas fotos da época o cenário era catastrófico para um lugar que devia zelar pela saúde.

Tendo em vista as análises da estética e do conceito de beleza, os pacientes eram os que para a sociedade não se encaixavam e não demonstravam capacidade para uma comunicação clara. Em contrapartida, podemos observar as imagens capturadas pelo fotógrafo Luiz Alfredo em 1961, e que foi através delas que todos tiveram conhecimento sobre o que acontecia no hospital, nos revela como ele ficou tocado pelas cenas que viu e que sentiu necessidade de registrar. A reportagem para a revista O Cruzeiro repercutiu com as imagens feitas por ele, mas somente após os anos 80 que de fato se compreendeu como aquelas pessoas viviam em condições sub-humanas. A jornalista Daniela Arbex, quis dar um novo sentido para essas imagens e sobre o caso quando publicou o livro Holocausto Brasileiro. Transformando os sentidos que tinham sobre os fatos e revelando uma nova face sobre o Colônia, comparando-o até com os centros de concentração de Auschwitz. Isso nos faz pensar nos códigos de linguagem que podem ser compreendidos pelo livro da autora, como os relatos e imagens icônicas. Tudo isso gera uma visão crítica em como o caso é trabalhado e quais pontos podemos estudar para que não ocorram novamente as torturas que aconteciam ali. O descaso por parte do Estado, a negligência por parte dos médicos, a falta de estrutura para tantos pacientes etc...

O Hospital Colônia faz parte da memória do nosso país, uma memória que nunca deve ser esquecida. Santaella descreve como a memória externa é necessária para registrar fatos como esse.

> "No momento em que passamos a confiar na nossa memória externa, de algum modo, liberamos nossa mente. Entretanto, essa perda é compensada: enquanto a memória biológica é mortal, só durando o tempo de uma vida, a memória externa se livra desse tipo de mortalidade na direção da permanência no tempo e no espaço. Se, nesse caso, de fato a memória individual tende a esmorecer, quem ganha não é o indivíduo, mas, sim, a espécie humana pela durabilidade do conhecimento no tempo." (SANTAELLA, Estética & Semiótica, Pág. 50).

Em casos onde tragédias são relatadas, sempre levam a comoção pública, e principalmente, a manifestações de opiniões. Em Holocausto Brasileiro não é diferente, tanto o livro quanto o documentário causam espanto e opiniões diversas. Os índices sobre torturas e maus-tratos são mostrados a partir das imagens e gera o impacto de tamanho sofrimento dessas vítimas. A memória externa através das tais fotos são o que testificam a barbárie acontecida. Em memória interna, temos o relato de Jackson Ferreira que passou pelo Hospital Colônia ainda na adolescência.

> “Eu era interno na extinta Febem em Nova Lima, na época como não tinha assistência da minha família fui encaminhado para lá. Em 1994 me transferiram para Barbacena, e foi o pior momento que já tive. Cheguei a ver muita gente tomando choques, e era muito assustador. Ninguém podia interferir senão também levava algum tipo de punição. Como tinham pavilhões separados, muita gente da minha idade levava punição, e eu me lembro até hoje de como era doloroso ver aquelas cenas. Sempre que escuto alguém falando que quer conhecer o Museu da Loucura me dá uma dor no peito por lembrar o que vivi ali. Só em 1996 é que saí de lá, mas por muito tempo parecia que eu ainda estava lá dentro. Até hoje eu fico pensando como seria diferente se eu não tivesse passado por lá.”

Considerações Finais

Ainda que tentássemos explicar como os ícones e signos representam, a marca da desumanidade ainda é escancarada na história. O sentimento ao vermos cada imagem é diferenciado e entendemos quando Walter Benjamin cita sobre a aura de cada reprodução de arte. Para cada testemunha e vítima existe uma aura específica em que não é capaz de se colocar em palavras tais sentimentos. Buscamos relatar os fatos, mas é impossível não ser tocado pela história que o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena carrega impregnado em seu nome e que a população ainda não sabe sobre tudo o que aconteceu ali durante décadas.

Atualmente, 170 pacientes ainda seguem internados, e pretende-se finalmente desativar o lendário manicômio. Isso não trará as cerca de 60 mil vítimas fatais, nem apagará a memória daqueles que seguem com suas histórias. Mas o fato é que não queremos que todos tenham direito à humanização e não sejam mais tratados como lixo da sociedade. A garantia de tratamentos corretos, e claro, diagnósticos justos são o que trarão uma nova face para o hospital. Comunicação sem paradigmas e preconceitos, analisando caso a caso e utilizando uma linguagem adequada para cada paciente novo ou aos asilados. Esperamos ainda leis que favoreçam essa humanização das instituições de atenção à saúde mental, e que aceitam essas doenças como qualquer outra. Mesmo que estamos no século XXI, a rejeição e preconceito da sociedade contra os doentes mentais ainda é impregnado, e ainda não é aceito diversas doenças onde o enfermo é tratado como alguém com falta de fé ou esperança. Até mesmo pelos próprios doentes existe essa negação, e por isso ainda não evoluímos socialmente.

Referências

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1ª Edição. [e-Pub]. Rio de Janeiro-RJ: Intrínseca, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Estética & Semiótica**. [e-Pub]. Curitiba: Intersaberes, 2019.

HOLOCAUSTO Brasileiro. Direção de Armando Mendz e Daniela Arbex. São Paulo-SP: HBO Max, 2016. (1h 30m) Disponível em: https://danielaarbex.com.br/holocausto-brasileiro-documentario-hbo/ . Acesso em: 6 dez. 2021.